

Cultura, Pluralidade e Democracia Artigo baseado em *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco

Mariana Carmo Duarte*

Membro Associado do Observatório Político

*“Esta ampliação de horizontes revela um pressuposto evidente: todas as coisas são igualmente dignas de consideração, Platão e Elvis Presley pertencem do mesmo modo à História”.*¹

Tendo em consideração a cultura de massas e as indústrias culturais, Umberto Eco propunha, no ano de 1964, no seu livro *Apocalípticos e Integrados*, uma divisão das duas categorias constantes do título da obra. Se, por um lado, os “apocalípticos” consideravam que a massificação da produção e do consumo culturais provocavam a perda da essência da criação artística, de uma certa “aura” de que falava Walter Benjamim², por outro lado, os “integrados” acreditavam que se estava perante enormes avanços civilizacionais, perante uma genuína e criadora democratização da cultura. Volvidos 50 anos desde a publicação deste livro, a temática por ele abordada mantém-se actual, sendo amplo o debate em seu torno. Assim, e tendo por base o mencionado livro de Umberto Eco, nomeadamente a secção “Alto, Médio, Baixo”, torna-se pertinente clarificar os conceitos de “apocalípticos” e “integrados”, bem como estudar a relação existente entre cultura de massas e democratização, focando a importância das “literaturas marginais” esta relação. Para não nos dispersarmos em relação a este objectivo, formulámos as seguintes perguntas de partida que guiaram todo o trabalho e às quais tentaremos responder no final do mesmo: até que ponto é que “apocalípticos” e “integrados” são termos com fronteiras conceptuais estanques, antagónicos e que não interagem mutuamente? ; é a cultura de massas causa e efeito da democratização?

I – “APOCALÍPTICOS” VS. “INTEGRADOS”

Os termos “apocalípticos” e “integrados”, sendo em si genéricos e polémicos, têm vindo a marcar as discussões sobre a indústria cultural e a cultura de massas, servindo

* Mestranda em Ciência Política, no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e licenciada em Ciência Política e Relações Internacionais, pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL).

¹ ECO, Umberto(1991). *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, p.8.

²ROBINSON, Andrew(2013). *Walter Benjamin: Art, Aura and Authenticity*. Disponível em: <http://ceasefiremagazine.co.uk/walter-benjamin-art-aura-authenticity/>. [Acedido a 05.05.2014]. A aura tem vindo a desaparecer devido à massificação da cultura, à sua fácil reprodução. Walter debate sobre as obras de literatura clássica que podem ser compradas em formato *paperback*, nas pinturas que podem ser transformadas em *posters*, ou nas novas formas de artes, como os programas televisivos ou os anúncios. Em seguida, compara-os com a experiência de contemplar uma obra de arte original, numa galeria, ou de visitar um edifício histórico singular. Os primeiros exemplos não têm aura, estes têm.



para tipificar, dicotomicamente, as análises que se fazem no âmbito desta temática. Segundo Umberto Eco, os “apocalípticos” são aqueles que condenam os meios de comunicação de massas, aqueles que vêem a cultura de massas como a “anti cultura”, que se contrapõe à cultura num sentido aristocrático, e que simboliza a decadência. Por parte dos “apocalípticos”, as críticas aos meios de comunicação de massas são muitas e duras, como evidencia Eco. Entre estas, encontramos a formação de uma cultura homogénea (que não toma em consideração diferenças culturais e padroniza os consumidores); a falta de estímulo à sensibilidade; o incentivo ao consumo (criando, junto ao público, novas necessidades de consumo); a sua definição como simples lazer e entretenimento, desestimulando o público a pensar e a reflectir criticamente e tornando-o passivo e conformista. Assim, segundo Nietzsche, há uma insegurança em relação ao igualitarismo, à ascensão democrática das massas, ao universo construído tendo por base a medida do homem comum, ou o homem fraco, como denominava o filósofo alemão.³ Nas palavras de Hannah Arendt, a cultura de massas vai transformar produtos que devem ser interpretados e compreendidos, em produtos que devem ser consumidos.⁴ Nesse sentido, os meios de comunicação de massas são usados para fins de controlo e manutenção da sociedade capitalista ou de um regime ditatorial, como o de Hitler ou Mussolini⁵. Note-se, por exemplo, como o *Manifesto Futurista*, de Filippo Marinetti, legitimou o fascismo Italiano.

Toda esta discussão em torno dos contras da cultura de massas faz-nos levantar a seguinte questão: fará a “massificação” diminuir a qualidade do produto cultural? Se há quem argumente que sim, porque o objecto terá que ser reduzido a um mínimo denominador comum, também há quem afirme que não, dizendo que um produto de qualidade não deixa de a ter só porque se massificou. Neste caso, Eco dá o exemplo do disco da Quinta Sinfonia de Beethoven: não é a sua difusão que o banaliza, mas sim a forma como é consumido/fruído. Neste ponto, é preciso compreender em que medida é que uma dada atitude fruitiva vem pôr em causa a natureza da obra consumida, ou, por outro lado, em que medida é que a obra consegue impor valores que são inabaláveis, independentemente da atitude de fruição que se tem para com o produto cultural.⁶ Porém, e entrando já no campo dos “integrados”, assiste-se a algo impensável há anos: as massas podem entrar em contacto com Beethoven.

Os “integrados”, por outro lado, são os que vêem no fenómeno da cultura de massas o alargamento da área cultural com a circulação de uma arte e de uma cultura popular consumidas por todas as camadas sociais. Entre os motivos para absolver os meios de comunicação de massa, apontados pelos “integrados” estariam, entre outros, o facto de estes serem a única fonte de informação possível a uma parcela da população que sempre esteve distante das informações; as mensagens por eles veiculadas poderem contribuir para a própria formação intelectual do público; a padronização de gosto gerada por eles funcionar como um elemento unificador das sensibilidades dos diferentes grupos. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa não seriam

³ ECO, Umberto(1991). *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, p.54.

⁴ *Ibidem*, p.59.

⁵ BIGSBY, C.W.E(1976) . *Approaches to Popular Culture*. London: Edward Arnold,. “For some, who believe that men in the mass display a female passivity, popular culture is a weapon to manipulate or a force to deplore”. p.vii.

⁶ ECO, Umberto(1991). *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, p.84.



característicos apenas da sociedade capitalista, mas de toda sociedade democrática, pois, como afirma o autor, “[...]se uma comunidade agrícola de analfabetos eu ensino a ler a fim de que estejam em condições de ler os meus «apelos» políticos, nada poderá impedir que estes homens leiam amanhã também os apelos «dos outros».”⁷ Assim, cabe às massas terem capacidade para discernir as informações que lhes são transmitidas, cabe-lhes a elas selecionar os produtos que lhes são dados a consumir e produzir estímulos positivos e um pensamento crítico a partir das mensagens que lhes são enviadas.⁸ Hoje em dia, parece ser descabido pensarmos não só na cultura de massas, mas também nos seus consumidores como acríticos. Ora, é impossível negar o cunho político de algumas canções, o lado revolucionário de muitas bandas desenhadas, ou o espírito crítico de certos filmes ou peças de teatro, assim como não podemos negar a crescente participação cívico-política, por parte dos consumidores de cultura de massas, não só através do protesto nas ruas, mas também através da produção de material literário (*blogs*, crónicas, canções...).

O esclarecimento destes dois conceitos serviu para clarificar uma antiga discussão que opunha os teóricos da Escola de Frankfurt, dos anos '30/'40, aos teóricos da Escola Canadiana, dos anos '50/'60. Os primeiros, liderados por Adorno e Horkheimer, e inspirados pela doutrina marxista, assemelham-se à categoria dos “apocalípticos”, definida por Eco. Para esta escola, a produção massificada e padronizada de bens culturais é não mais do que uma forma de iludir os indivíduos, criando-lhes escapes à vida real. Assim, estes não se preocupam com a realidade social em que vivem, pois estão “entretidos” com a cultura que lhes é dada a consumir, e, ao mesmo tempo, são inibidos de desenvolver um pensamento crítico acerca não só da realidade em que vivem, mas também daquilo que lhes é dado a consumir. Segundo esta abordagem, a cultura de massas é indissociável dos interesses da classe dominante, que a usa em seu proveito.⁹

Contra a ideia de manipulação massiva sugerida pela escola de Frankfurt e pela necessidade de se começar a estudar também os efeitos dos meios de comunicação enquanto tecnologia e não apenas os seus efeitos enquanto difusores de mensagens para a transformação das sociedades e civilizações, aparece a Escola Canadiana. Estes, que melhor se enquadram na categoria dos “integrados” e que são encabeçados por McLuhan e Innis, acreditavam que a influência dos meios de comunicação sobre a sociedade e a civilização era globalmente positiva. De acordo com esta escola, os meios de comunicação social oferecem produtos com valor estético e democratizam a cultura. A verdadeira cultura não é a das elites, mas sim a que se forma na sociedade e é veiculada pelos meios de comunicação, em particular pelos meios electrónicos de comunicação, que, segundo estes teóricos, ajudavam a internacionalizar, unificar e interligar a cultura.¹⁰

⁷ ECO, Umberto (1991). *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, p.71.

⁸ *Ibidem*, p.36.

⁹ BIANCO, Nélia R. Del - *Elementos para pensar as tecnologias da informação na era da globalização*. http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12173/1/ARTIGO_ElementosPensarTecnologias.pdf. [Acedido a 03.05.2014] p.1.

¹⁰ *Ibidem*, p.1.



II – DILUIÇÃO DE “FRONTEIRAS” ENTRE “APOCALÍPTICOS” E “INTEGRADOS”

Eco acredita que não se pode pensar a sociedade moderna sem a dita cultura de massas, porém, a sua preocupação é descobrir que tipo de acção cultural deve ser estimulada por parte dos meios de comunicação de massas. Neste sentido, não é pelo facto de transmitir produtos culturais que a cultura de massa deve ser considerada naturalmente boa, como querem os “integrados”. Assim, embora Umberto Eco reconheça vantagens e desvantagens nas posições, quer dos “apocalípticos”, quer dos “integrados”, critica as duas concepções. Critica os “apocalípticos”, por um lado, por considerarem a cultura de massas como inerentemente má, simplesmente pelo seu carácter industrial. Muitas vezes estes colocam a seguinte questão: haverá algo mais condenável do que a associação do processo criativo/estilístico à indústria e aos meios de produção controlados por uma elite económica, que visa o lucro? Para os “apocalípticos” é um contra-senso juntar estas duas “actividades”, pois é visto como um ataque à “pureza” do processo criativo.¹¹ Os “integrados” são criticados, por outro lado, por esquecerem que normalmente a cultura de massas é produzida por grupos de poder económico com fins lucrativos, o que significa a tentativa de manutenção dos interesses desses grupos através dos próprios meios de comunicação de massas.

Para Eco, não se pode ignorar que a sociedade actual é industrial e que as questões culturais têm que ser pensadas a partir dessa constatação. O sistema de condicionamentos denominado de indústria cultural não apresenta uma solução viável para a possibilidade de existência de dois níveis independentes, um de cultura de massas e outro da elaboração aristocrática, sem que esta seja influenciada pela primeira. Já não se pode pensar a cultura como algo assente num plano superior/platónico e que não esteja condicionado pela existência de uma cultura de massas.¹² A cultura deixa de ser vista como algo aristocrático, que se produz de forma rigorosa, metódica e solitária e que se opõe às multidões, pois, se definirmos cultura nestes moldes, a cultura de massas tem que ser apelidada como “anti- cultura”. O universo das comunicações de massas é o nosso universo e a esta realidade ninguém pode escapar. Nas palavras de Eco:

“[...] entre o consumidor de poesia de Pound e o consumidor de um romance policial, no plano de direito, não existe nenhuma diferença de classe social ou de nível intelectual. Cada um de nós pode ser um e outro em diversos momentos do seu dia, num caso procurando uma excitação de tipo altamente especializado, noutra uma forma de entretenimento que esteja em condições de lhe veicular uma categoria de valores específica.”¹³

“Porém o problema é mais grave, [...] no plano de facto, se for considerado do ponto de vista do consumidor comum [...]: pelo que surge o problema de uma acção político-social que permita não só ao habitual fruidor de Pound recorrer ao romance policial, mas também ao habitual fruidor de romance policial dispor de uma fruição cultural mais complexa. O problema, já o dissemos, é antes de mais político (um problema de escolaridade, primeiro, e, depois, de tempo livre [...]), mas é facilitado pelo

¹¹ ECO, Umberto (1991). Apocalípticos e Integrados. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, p.29.

¹² *Ibidem*, p.33.

¹³ *Ibidem*, p.77.

reconhecimento de uma paridade em dignidade dos vários níveis, e por uma acção cultural que parta da assunção desse pressuposto.”¹⁴

O teatro, a rádio, a banda desenhada, o cinema, o policial, o *blog*, entre outros, ajudam, agora, a colocar os bens culturais à disposição de todos, para que a recepção das mensagens e das informações seja algo leve e ligeiro, que seja facilmente entendido por todos. Porém, isto não significa que não existam peças de teatro, filmes, emissões de rádio ou bandas desenhadas cuja função não seja a acima indicada. Assim, se cabe ao “apocalíptico” teorizar, o papel dos “integrados” é produzir e passar mensagens, de forma regular, que cheguem a todos os níveis da sociedade.¹⁵ Dada esta explicação, e seguindo o raciocínio de Eco, resta que nos questionemos: até que ponto é que o produto cultural produzido pelos “apocalípticos” não é uma complexificação do produto gerado para consumo por parte das massas? Daí que, no início da obra, o autor refira que a dedica a sua obra aos “apocalípticos”, ou críticos-aristocráticos “*sem cujas repreensões, injustas, parciais, neuróticas, desesperadas, não teríamos podido elaborar três quartos das ideias que queremos partilhar; e nenhum, talvez, se teria apercebido de que o problema da cultura de massas nos envolve profundamente, e é sinal de contradição para a nossa civilização.*”¹⁶

III – NOTAS CONCLUSIVAS

A história das democracias modernas pode ser contada como o desenvolvimento e a massificação de novas produções literárias que, ao fugirem ao cânone, não deixam de conter em si valor estético, literário e uma mensagem crítica e coerente. As classes médias, os operários, os camponeses, as mulheres, as minorias raciais foram, progressivamente, ganhando, não apenas direitos económicos, mas políticos e sociais. Com estas mudanças, surgiu a necessidade de um tratamento igualitário entre classes e as produções literárias, que antigamente eram da competência e uso exclusivos de uma única franja da sociedade, os senhores aristocratas, tiveram que começar a abranger todos os indivíduos. Assim, e para suplantarem esta nova característica das sociedades modernas começaram a surgir e a ser legitimados novos suportes de transmissão de mensagem, que não o tradicional livro em papel. O teatro, o cinema, a canção, ou o *blog*, são produções literárias que, ao fugirem do suporte “canónico”, podem, com maior facilidade, chegar ao maior número de pessoas, ultrapassando, não só, a barreira do analfabetismo, mas também a monetária.

Em relação à primeira questão apresentada na introdução - Até que ponto é que “apocalípticos” e “integrados” são termos com fronteiras conceptuais estanques, antagónicos e que não interagem mutuamente?- podemos, de forma sintética, argumentar que, cada vez mais, estes são conceitos interligados e que se influenciam mutuamente. A cultura é plural e é socialmente construída, não havendo, portanto padrões estéticos universais que determinem a qualidade de um objecto cultural, dado que as categorias “apocalípticos” e “integrados”, enquanto estanques e imóveis, já não têm razão de ser, pois a fronteira entre elas é fluída.

¹⁴ *Ibidem*, p.79.

¹⁵ ECO, Umberto (1991). *Apocalípticos e Integrados*. Lisboa: Difel – Difusão Editorial, p. 26.

¹⁶ *Ibidem*, p.48.



No que diz respeito à segunda questão - É a cultura de massas causa e efeito da democratização? - existem várias conclusões que podem ser tiradas. Relativamente à primeira parte da questão, podemos deduzir que, por um lado, a cultura de massas é causa da democratização. Com a propagação do produto literário, que até então apenas estava ao dispor das elites, e com a diluição das fronteiras do “cânone” e o subsequente aparecimento de novas “possibilidades de literatura”, podemos afirmar que há um democratizar da literatura e da cultura, pois estas passam a estar aos dispor de um maior número de consumidores. Por outro lado, a cultura de massas pode ser apropriada por grupos económicos ou grupo políticos ideologicamente vinculados e, deste modo, a cultura será tendenciosa e fará os consumidores agir de determinado modo.

No que respeita à segunda parte da questão, podemos afirmar que a cultura de massas é efeito da democratização. Para sustentar este argumento podemos usar dados históricos, pois a massificação da cultura dá-se, a par da grande vaga de democratização no mundo, no pós-II Guerra Mundial. Complementarmente a esta evidência histórica, há uma série de características de um regime democrático: escolarização, tempo livre para actividades lúdicas, redistribuição dos rendimentos..., que possibilitam, não só a massificação da cultura, mas também o aparecimento de novos suportes.

Bibliografia

- CRANE, Diana (1992) - “High Culture versus Popular Culture Revisited: A Reconceptualization of Recorded Cultures” in *Cultivating Differences*. Chicago: University of Chicago Press.
- PAULA, Leandro Raphael de (2011) - “Apocalípticos e Integrados: sobre como transformar o pensamento e rever o presente” in *Caderno de Resenhas*. Disponível em: http://www.ppgcom-ufpa.com.br/biblioteca/Caderno_Resenhas_PPGCOM_UFPA_02.pdf. [Acedido a 03.05.2014].
- WOLFE, Alan (1992) - “Democracy versus Sociology: Boundaries and Their Political Consequences” in *Cultivating Differences*. Chicago: University of Chicago Press.

OBSERVATÓRIO POLÍTICO

Av. Elias Garcia, nº 123 – 7ºE
1050-098 Lisboa PORTUGAL
Tel. (00351) 21 820 88 75
Geral@observatoriopolitico.pt

Para citar este trabalho/ To quote this paper:

DUARTE, Mariana Carmo «Cultura, Pluralidade e Democracia; Artigo baseado em *Apocalípticos e Integrados*, de Umberto Eco», *Working Paper #51*, Observatório Político, publicado em 23/01/2015, URL: www.observatoriopolitico.pt

Aviso:

Os working papers publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respectivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.